Dia 17 — São Patrício, Confessor, Bispo e Apóstolo da Irlanda

São Patrício, apóstolo da Irlanda, nasceu na Escócia, no território da cidade de Aclud, hoje Dumbarton, por volta do ano 377 do nascimento de Cristo. Seu pai, chamado Calfúrnio, e sua mãe, Conquessa, parenta de São Martinho, arcebispo de Tours, criaram-no com tanta piedade e imbuíram-no tão desde logo nos princípios da religião, tanto com sua doutrina como com seus exemplos, que o menino Patrício em nada achava gosto senão na oração. Assegura o monge Jocelino, na vida que escreveu do santo, que Deus lhe comunicou o dom de milagres desde o mesmo berço. Com tudo isso, a divina Providência, que queria ir dispondo-o muito de antemão para o apostolado, permitiu que fosse escravo naquele mesmo país de onde com o tempo havia de ser apóstolo.

Aos dezesseis anos de sua idade apanharam-no uns salteadores de caminhos irlandeses, juntamente com uma irmã sua chamada Lupita, e levaram-no cativo à Irlanda. Venderam-no a um compatriota, e nos cinco ou seis anos que durou seu cativeiro aprendeu a língua e os costumes do país.

Encarregou-lhe o patrão a quem servia a guarda do imundo gado de porcos e, em meio dos montes, fazia vida de perfeito solitário. Adorava a Deus prostrado em terra cem vezes de dia e outras tantas de noite, servindo-lhe de leito a dura terra e de sustento umas insípidas raízes.

Havia perto de seis anos que Patrício santificava sua escravidão com estes piedosos exercícios de penitência quando lhe apareceu um anjo em figura de um gentil mancebo e, mandando-o cavar num lugar que lhe assinalou, fê-lo encontrar uma quantidade de dinheiro com que comprou sua liberdade. Voltado à Escócia, passou outros quatro anos em casa de seu pai. Pelas muitas visões que teve neste tempo, conheceu que o chamava Deus a trabalhar na conversão dos povos da Irlanda e desde então fez ânimo de dedicar-se a ela. Tendo-se embarcado com seus pais para ir à Bretanha, foi apanhado por uns piratas que o venderam a uns pictos, gentes de seu país, os quais logo o puseram em liberdade. Enfim, pela terceira vez foi feito escravo e conduzido a Bordéus, onde o comprou um amo tão benigno que, compadecido de sua desgraça e prendado de sua aprazibilidade e de sua paciência, enviou-o livre a seu país, onde não se deteve muito tempo.

Resolvido a consagrar-se todo a Deus, passou à França e retirou-se ao mosteiro de Marmoutier, que havia fundado São Martinho. Ali recebeu a tonsura eclesiástica e monacal, fez a profissão e, nos três anos que viveu no mosteiro, foi modelo da perfeição religiosa.

Crescendo seu zelo ao passo que crescia sua piedade, voltou à Grã-Bretanha, suspirando sempre pela conversão dos irlandeses. Tendo ocorrido vários embaraços que lhe estorvaram a viagem à Irlanda, voltou à França, passou à Itália e ocupou sete anos em visitar os santuários e mosteiros das ilhas vizinhas. Três anos o deteve em sua companhia São Sênior, bispo de Pisa; e, cativado tanto de seu ardente zelo pela conversão dos gentios como de sua eminente santidade, ordenou-o de sacerdote. O novo caráter inspirou-lhe novo desejo de ir quanto antes trabalhar na conversão dos irlandeses; voltou a passar o mar sem outra missão que a de seu zelo, e assim não o abençoou o Senhor. Não quiseram ouvi-lo aqueles povos, e viu-se precisado a voltar à França pela terceira vez. Parou em Auxerre em casa de seu bispo Santo Amador, sob cuja disciplina se conservou até sua morte, que sucedeu três anos depois; e continuou outros três anos sob a do célebre São Germano, seu sucessor, e na escola deste grande prelado adquiriu nosso santo as qualidades de um santo pastor e de um grande apóstolo.

Não duvidando São Germano de que Deus havia escolhido Patrício por apóstolo da Irlanda, aconselhou-lhe que fosse lançar-se aos pés do papa Celestino I, para receber de sua mão o destino daquela missão. Recebeu-o o pontífice com muita benignidade, louvou seu zelo, aprovou seu ânimo; mas, como acabava de enviar São Paládio àquele país, pareceu-lhe conveniente suspender a execução e assim lhe mandou que esperasse. Entretanto voltou Patrício a Auxerre a gozar da companhia de São Germano, que, tendo notícia da morte de Paládio, tornou a enviá-lo a Roma com cartas de recomendação. Foi recebido do papa com maiores mostras de estima que a primeira vez; e, tendo-o consagrado ele mesmo por bispo da Irlanda, despachou-o àquela ilha cumulado de bênçãos e com poderes de legado apostólico.

Voltou por Auxerre o novo apóstolo e, recebendo ali as salutares instruções que lhe deu São Germano para desempenhar felizmente sua missão, passou à Irlanda no ano 432. As milagrosas conversões que fez desde logo no país de Cambria e Cornualha o determinaram a entrar na província de Lagênia, onde São Paládio não havia feito fruto algum. Mal pregou nela a fé, teve o consolo de ver convertidas em menos de um ano mais das duas terças partes da província; e, tendo deixado nela alguns missionários companheiros seus para cultivar aquela nova vinha, passou o novo apóstolo à província de Ultônia, onde foi a messe tão abundante e tão feliz que fundou o mosteiro de Sabal, perto da cidade de Duna, nomeando por primeiro abade seu discípulo Dúnio. Este mosteiro, tão célebre desde então por tanto número de santos monges, foi logo um seminário de homens apostólicos.

Aumentando-se a messe, foi preciso que se aumentassem os obreiros. Jamais houve nação que mostrasse maior ardor para abraçar a fé de Jesus Cristo. Mal se deixava Patrício ver em alguma cidade ou em algum povo, os mesmos gentios se davam pressa em lançar por terra os templos que eles mesmos haviam levantado, competindo a porfia em fazer em pedaços os ídolos.

Leogar, o príncipe mais poderoso do país e o mais encaprichado nas superstições pagãs, empregou todas as suas forças e valeu-se de todos os artifícios dos magos para deter os rápidos progressos da fé e para pôr limites às vitórias que nosso santo conseguia cada dia do paganismo; mas todos os seus artifícios não serviram mais que para tornar mais florescente a religião cristã e mais célebre o nome de São Patrício. Um numeroso exército de gentios, que vinha lançar-se sobre os cristãos congregados pelo santo numa espaçosa planície, foi inteiramente disperso pelos trovões e

pelos raios que caíram sobre ele estando o céu muito sereno. Desfez todos os embustes e prestígios dos feiticeiros; o principal deles, chamado Locho, que com artifícios semelhantes aos de Simão Mago se levantava pelos ares na presença do rei, foi precipitado e caiu morto aos pés de São Patrício. Converteu-se à fé Conalo, filho de Leogar, mais prudente que o pai e que com o tempo foi um herói do cristianismo; imitaram seu exemplo duas irmãs suas; e, o que talvez não se havia visto jamais, os magos ou feiticeiros, que eram em grande número e muito poderosos na corte, abriram os olhos à luz da fé, foram batizados e com o tempo se acreditaram de fervorosos cristãos.

Feita já cristã toda a Ultônia, passou Patrício às províncias de Mídia, de Connacht e de Munster; percorreu com incríveis fadigas toda a Irlanda e não deixou canto daquela tão vasta como bem povoada ilha que não alumiasse com as luzes da fé e onde não levantasse muitas igrejas.

Não podia fazer-se sem grandes milagres a conversão de tantos povos duros, pouco tratáveis e grosseiros: fê-los nosso santo. Obedeciam a sua voz os ventos e as tempestades; desvaneciam-se as dolências em fazendo sobre os enfermos o sinal da cruz; muitos de seus discípulos gozavam o mesmo dom; não havia coisa secreta para Patrício, e até a mesma morte soltava a presa à voz de sua oração.

Mas, crescendo cada dia imensamente o número dos fiéis, era mister prover de novos pastores o novo rebanho; o que obrigou o santo a fazer outra viagem a Roma no ano 444. Recebeu-o o grande pontífice São Leão como o merecia um apóstolo. E, tendo arrumado com o papa tudo o concernente à recém-nascida igreja, voltou a seu querido rebanho; e, como se a Irlanda só fosse pouco teatro para o ardor imenso de seu zelo, deteve-se na costa ocidental da Grã-Bretanha, onde pregou a fé com o mesmo feliz sucesso e fundou também alguns mosteiros.

Voltado à Irlanda com a recruta de novos operários, distribuiu-os nas províncias de Lagênia, de Mídia, de Connacht e de Munster: ordenou grande número de bispos para as novas dioceses de Laghlin, de Ferns, de Down, de Kilmore, de Galway, de Limerick, de Mide, de Cashel, de Tuam, de Waterford; e, restituindo-se à Ultônia, levantou a célebre igreja de Armagh, erigindo-a em sede metropolitana e primaz de toda a Irlanda. Passou depois às ilhas adjacentes e todas as conquistou para Jesus Cristo. Fez quarta viagem a Roma para obter da sé apostólica a confirmação e repartimento dos bispados que havia erigido, os títulos e privilégios das igrejas como os havia arrumado e, a sua volta desta viagem, celebrou em Armagh o primeiro concílio.

Mal seria crível que nosso santo pudesse operar tantas maravilhas sem render-se ao peso de tantos trabalhos, se não se soubesse que para os homens apostólicos estão reservadas graças muito particulares e auxílios muito extraordinários. Mas o que se faz mais inverossímil, sendo com tudo isso muito verdadeiro, é que tantas e tão portentosas fadigas não bastaram a saciar o ardente desejo que tinha de padecer por Jesus Cristo nem puderam satisfazer a amorosa ânsia que tinha pela penitência.

Trazia sempre um áspero cilício, jejuava rigorosamente todo o ano, fazia a pé todas as viagens; e, embora oprimido da solicitude pastoral e do governo de todas as igrejas da Irlanda, todos os dias rezava o Saltério inteiro com mais de duzentas orações e prostrava-se trezentas vezes cada dia para adorar a Deus, fazendo cem vezes o sinal da cruz em cada hora canônica. Tinha distribuída a

noite em três tempos diferentes: o primeiro empregava-o em rezar cem salmos e em fazer duzentas genuflexões; o segundo ocupava-o em rezar cinquenta salmos metido num tanque de água gelada até a garganta; e o restante estava destinado a tomar um pouco de repouso sobre uma dura pedra. Estes foram os principais meios de que se valeu São Patrício para ganhar a Jesus Cristo tantos povos e para converter os pecadores e os idólatras.

Mas não só converteu à fé aqueles povos, mas também os cultivou, os poliu, os civilizou. Havia achado Patrício naquela ilha os povos tão broncos, tão grosseiros que mal sabiam falar e nenhum deles sabia escrever; o santo os ensinou, os industriou e em pouco tempo os fez capazes de aprender não somente as mais belas artes mas também as mais elevadas ciências.

Enfim, cumulado de merecimentos, respeitado até dos mesmos gentios e cheio de alegria, vendo o florescente estado em que deixava na Irlanda o reino de Jesus Cristo, aos oitenta e quatro anos de sua idade (embora alguns historiadores lhe deem cento e trinta), passou a receber no céu a coroa de seus trabalhos, no ano 460 ou 461. Morreu em seu mosteiro de Sabal, havendo edificado trezentas e sessenta e cinco igrejas, consagrado outros tantos bispos nos vinte e cinco ou trinta anos que ele o foi e ordenado quase três mil presbíteros. Foi sepultado na igreja da cidade de Duna, onde foi honrado dos povos, que concorriam em tropas a venerar seu sepulcro, tornando-o muito célebre o Senhor com inumeráveis milagres; até que, no tempo de Henrique VIII, rei da Inglaterra, foi destruída a igreja de Duna por Leonardo Grey, marquês de Dorset e vice-rei da Irlanda, o qual pagou o delito de seu sacrilégio sobre um cadafalso em que lhe cortaram a cabeça no ano 1541.

Na província de Ultônia se vê ainda hoje uma pequena ilha para o meio de um lago que forma o Liffer, onde dizem que estava o célebre Purgatório de São Patrício [^1]. É uma cova onde se dá por certo que o santo passou toda uma quaresma no exercício das maiores penitências e onde padeceu inimagináveis tormentos por parte dos demônios, que fizeram todos os possíveis esforços para espantá-lo e para retraí-lo de sua zelosa resolução e propósito de trabalhar na conversão daqueles ilhéus. Fez-se muito célebre esta cova, tanto por haver morado nela São Patrício como pelo que nela havia padecido; e muitos santos varões, movidos de devoção, retiravam-se a ela alguns dias para dedicar-se a exercícios de oração e penitência; o que precisou a edificar ao redor dela algumas celas, que se chamavam as celas dos santos. Crê-se que, para dar alguma ideia das penas e dos prêmios da outra vida àquela gente extremamente grosseira, que não acertava a conceber o que não lhe entrava pelos sentidos, alcançou de Deus nosso santo que naquela cova experimentassem alguns sensivelmente o que não podiam compreender; e, como todos os penosos exercícios de penitência que ali se faziam se dirigiam a purificar as almas de suas culpas, deu-se à cova o nome de Purgatório de São Patrício. Houve antigamente naquela ilhota um célebre mosteiro de cônegos regulares de Santo Agostinho, cujo prior tinha a chave da cova, até que, no ano de 1494, o papa Alexandre VI, tendo notícia dos muitos abusos que se haviam misturado nas mortificações arbitrárias, ordenou, por breve expresso, que se fechasse e se cegasse a cova e que se destruísse todo aquele sítio, sem que jamais se voltasse a admitir pessoa alguma àquele gênero de provas.

São Cirilo de Jerusalém, Doutor da Igreja

Nasceu este santo em Jerusalém, ou em suas cercanias, pelos anos de 315. Aplicou-se desde muito menino ao estudo das santas escrituras e chegou a familiarizar-se com elas de tal modo que todos os seus discursos, a maior parte improvisados, são uma cadeia de textos ou alusões aos livros sagrados. Também estudou a fundo a doutrina dos padres que o haviam precedido; nem se desdenhou de ler os livros dos filósofos pagãos, persuadido de que neles encontraria armas para combater frutuosamente os erros da idolatria. Adornado com tais conhecimentos e mais ainda com a prenda das virtudes, julgou Máximo, bispo de Jerusalém, que devia ordená-lo de presbítero. Assim o fez, e logo lhe encarregou o cuidado de anunciar a palavra de Deus e de fazer as catequeses; função de muita importância naqueles tempos, a qual desempenhou Cirilo com tanto zelo e na qual adquiriu tão grande reputação que, à morte de Máximo, pelos anos de 350, mereceu ser eleito para sucedê-lo.

O princípio de seu episcopado é célebre na história por um milagre que operou Deus para honrar o instrumento de nossa salvação. Presenciou-o o mesmo santo e deu conta dele numa carta que escreveu ao imperador Constâncio. Copiaremos suas palavras: «No dia das nonas (7) de maio, sobre a hora de tércia (por volta das nove da manhã), deixou-se ver no céu uma luz resplandecente, em forma de cruz, que se estendia desde o monte Calvário até o das Oliveiras. Viram-na não uma ou duas pessoas, mas toda a cidade. Nem era um destes fenômenos passageiros que se dissipam no instante: esta luz brilhou a nossos olhos durante muitas horas e com tanto resplendor que o próprio sol não podia ofuscá-la. Todos os espectadores, penetrados ao mesmo tempo de temor e de gozo, foram correndo à igreja; anciãos e moços, fiéis e idólatras, naturais e estrangeiros, todos não tiveram mais que uma voz para louvar a nosso Senhor Jesus Cristo, Filho único de Deus, cujo poder operava aquele prodígio; e todos reconheceram a uma a divindade desta religião a que davam testemunho os céus.» A verdade deste fato não admite dúvida alguma, e em sua memória celebram os gregos uma festa no dia 7 de maio.

Algum tempo depois deste sucesso, suscitou-se uma disputa bastante acalorada entre São Cirilo e Acácio, arcebispo de Cesareia. Tratava-se primeiramente de matérias de jurisdição; mas daqui se passou a questões mais graves; e Acácio, que era um dos mais fogosos partidários do arianismo, não parou até fazer depor nosso santo, num conciliábulo de bispos arianos. Para evitar maiores males, retirou-se Cirilo primeiramente a Antioquia e depois a Tarso da Cilícia, onde foi recebido com muita honra pelo bispo Silvano. Restabelecido em sua sede por decreto do concílio de Selêucia em 359, foi outra vez deposto no ano seguinte, por maquinações dos arianos, num concílio de Constantinopla.

Depois da morte de Constâncio, acaecida em 361, tomou as rédeas do império Juliano, o Apóstata, o qual, com sinistras intenções, dispôs que voltassem a suas dioceses os bispos desterrados. Seu desígnio era tornar odiosa a intolerância de seu predecessor, ter a balança igual entre católicos e hereges e promover a divisão para desacreditar o cristianismo; política insidiosa de que se serviu

Deus para voltar nosso santo a sua igreja e fazê-lo presenciar um dos mais brilhantes prodígios que se têm operado em favor da religião de Jesus Cristo. Este imperador filósofo havia visto que todas as perseguições contra a Igreja não haviam feito mais que consolidá-la; mas nem por isso tinha menos desejo de acabar com ela. Instruído como estava em suas crenças, sabia que o povo judeu, disperso por todas as partes, sem rei, sem templo, sem sacrifícios, era um testemunho permanente da verdade das profecias; sabia também que Jesus Cristo havia predito a destruição do templo e que nunca seria reedificado. Para convencer de falso este vaticínio, escreveu uma carta muito lisonjeira a toda a nação judia, eximindo-a de impostos e encomendando-se a suas orações; em seguida mandou que, voltando todos os judeus a sua pátria, reedificassem o templo e pusessem a lei em observância, para cujo efeito prometeu ajudá-los com todo o seu poderio. A esta notícia, de todas as partes correram os judeus a Jerusalém. Bem logo reuniram somas consideráveis. As mulheres judias davam suas joias e pedrarias para contribuir aos gastos da empresa. Juliano mandou a seus tesoureiros que suprissem o dinheiro necessário para a construção do templo; enviou os mais hábeis arquitetos do império; confiou a direção da obra a pessoas do primeiro posto e deu a superintendência geral a seu amigo Alípio.

São Cirilo, que via todos estes preparativos, não manifestava a menor inquietação; antes sustentava que os oráculos divinos teriam um inteiro cumprimento. E, como já se começasse a demolir os fundamentos antigos, assegurava que isto lhes era permitido para que se verificasse ao pé da letra a predição de Jesus Cristo de não ficar pedra sobre pedra; mas que não poderiam passar adiante. Assim sucedeu com efeito; porque, quando quiseram pôr os novos alicerces, castigou Deus a temeridade dos judeus fazendo que saíssem labaredas de fogo. Mas ouçamos a Amiano Marcelino, historiador gentio e panegirista de Juliano: «Enquanto o conde Alípio, diz, assistido do governador da província, apressava os trabalhos, horríveis torvelinhos de chamas saíram dos lugares contíguos aos alicerces, queimaram os obreiros e tornaram-lhes o sítio inacessível. Enfim, como este elemento persistisse sempre com uma espécie de obstinação em rechaçar os obreiros, houve necessidade de abandonar a empresa.»

Este sucesso milagroso é referido com todas as suas circunstâncias por uma multidão de autores que viviam no século de Juliano. São Gregório Nazianzeno falava dele um ano depois que passou; São Crisóstomo faz menção dele em muitas passagens de suas obras, como de um fato sucedido havia vinte anos, à vista de muitos dos que ainda viviam. A relação deste acaecimento acha-se em Santo Ambrósio, em Rufino, que viveu longo tempo naqueles lugares, em Teodoreto, que passou a maior parte de sua vida nas províncias imediatas, e nas histórias de Sócrates, Sozomeno, Filostórgio etc.; de maneira que não se pode contestar a verdade do fato sem cair no pirronismo mais deplorável.

À vista de um triunfo tão glorioso para o cristianismo, São Cirilo adorou a onipotência de Deus e seguiu trabalhando com mais zelo na salvação de suas ovelhas. Sua adesão inviolável à fé de Jesus Cristo o fez aborrecer de Juliano, o qual, como escreve Orósio, havia resolvido sacrificá-lo a sua volta da guerra da Pérsia; mas atalhou-o a morte em seu detestável projeto. Não obstante, ainda teve que padecer nosso santo; porque o imperador Valente, inficionado com o arianismo, desterrou-o em 367 e o teve desterrado até o ano 378, em que o imperador Graciano o restituiu a sua sede. Achou seu rebanho dividido pelo cisma e pela heresia e trabalhou com todas as suas forças em restabelecer a paz e a unidade de doutrina. Assistiu em 381 ao concílio geral de

Constantinopla, onde subscreveu à condenação dos semiarianos e dos macedonianos. Enfim, terminou sua gloriosa carreira com uma ditosa morte no dia 17 de março do ano 386, aos setenta de sua idade. Temos de São Cirilo as *Catequeses*, ou instruções dirigidas aos catecúmenos, em número de vinte e cinco, que compôs em Jerusalém, sendo catequista; obras muito úteis, porque nelas se lê a mesma doutrina que hoje professa a Igreja acerca dos sacramentos, e servem para refutar os protestantes. Também nos resta dele uma homilia sobre o paralítico do Evangelho e a carta de que falamos, dirigida a Constâncio, sobre a aparição de uma cruz luminosa.

Martirológio Romano

Na Hibérnia, o trânsito de São Patrício, bispo e confessor, o primeiro que pregou a Cristo naquele país, onde resplandeceu em grandes milagres e virtudes.

Em Jerusalém, São José de Arimateia, nobre decurião, discípulo do Senhor, o qual, tendo baixado da cruz o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, o sepultou em seu próprio sepulcro, ainda novo.

Em Roma, os santos mártires Teodoro e Alexandre. Em Alexandria, a comemoração de um grande número de santos mártires que, sendo presos pelos adoradores de Serápis, não querendo de nenhuma maneira adorar aquele ídolo, foram cruelmente atormentados, no tempo do imperador Teodósio, o qual, depois que o soube, mandou por um edito destruir o templo de Serápis.

Em Constantinopla, São Paulo, mártir, o qual foi queimado no tempo de Constantino Coprônimo por defender o culto das santas imagens.

Em Chalon, na Borgonha, o triunfo de Santo Agrícola, bispo.

Em Nivelles, no Brabante, Santa Gertrudes, virgem, a qual, sendo filha de nobilíssimos pais, desprezando o mundo e exercitando-se toda a sua vida nos ofícios de todas as virtudes, mereceu ter a Jesus Cristo por esposo no céu.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Patrício, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui ad prædicandam gentibus gloriam tuam, beatum Patricium, confessorem tuum atque pontificem mittere dignatus es: ejus meritis et intercessione concede ut quæ nobis agenda præcipis, te miserante, adimplere possimus. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que vos dignastes enviar o bem-aventurado Patrício, vosso confessor e pontífice, para que anunciasse vossa glória aos gentios, concedei-nos que, com vossa graça e por sua intercessão e merecimentos, cumpramos fielmente tudo o que nos mandais. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é dos capítulos 44 e 45 do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”), a mesma do dia 1.

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Nota

«Os elogios dos patriarcas insignes que se leem nos livros sagrados são o retrato dos santos pontífices do novo testamento. O autor do Eclesiástico, nos capítulos 44 e 45, forma o compêndio das virtudes e das maravilhas dos mais santos pontífices da Igreja, dando-nos em resumo a história das virtudes e singular mérito de Henoc, de Abraão, de Isaac e de Arão. A epístola da missa deste dia é um epílogo dos elogios destes grandes homens.»

Reflexões

Ecce sacerdos magnus: vê aqui um grande sacerdote. Nem os grandes títulos nem as grossas rendas formam os grandes prelados. A grandeza dos ministros de Jesus Cristo tem origem mais nobre e nasce de outros princípios. *In diebus suis placuit Deo, et inventus est justus: non est inventus similis illi, qui conservavit legem Excelsi*: agradou a Deus enquanto viveu; foi justo e ninguém observou com maior exatidão a lei do Altíssimo. Esta é a base, este é o alicerce da verdadeira grandeza; agradar a Deus sem interrupção, encher dignamente todas as obrigações da justiça, obedecer com a mais exata fidelidade os preceitos do Altíssimo. Busca outros títulos nem mais completos nem mais antigos, de uma nobreza mais sólida e mais real. Esta é a única nobreza que passa à outra vida. Ostentoso aparato de títulos e de grandes nomes, postos elevados, dignidades eminentes, vós brilhais, não há dúvida; mas como? Como relâmpagos fugitivos que mal luzem quando desaparecem. A morte põe de nível todos os homens. Tudo se enterra conosco, menos a santidade. As mais belas prendas de corpo e alma, sem virtude, são nomes vazios; as que só se fundam em fortuna estrondosa e em rendas crescidas são pouco respeitáveis; muitas vezes só servem de tornar mais visível a pobreza da pessoa. Só a virtude vale mais que todos os títulos; e que são todos os títulos sem a virtude? Coisa estranha! Fazem-se grandes gastos por meter um pouco de ruído. Meu Deus, houve jamais nem glória mais vã, nem estrondo mais superficial, nem grandeza mais pequena? Quando chega o caso de dispor alguma oração fúnebre, põe em tortura seu engenho um orador cristão para salvar a mentira. Pensa porventura então em louvar muito a suntuosidade do defunto, sua mesa, seus móveis, seu jogo e aqueles loucos gastos que talvez têm sobressaltados tantos credores? Anda-se arranhando tudo o que pode louvar-se com decência, tudo o que pode ser interpretado com piedade. Então ou se cala, ou se dissimula, ou se disfarça com arte tudo aquilo que mais lisonjeou, que mais ocupou o coração dos grandes. Ah, Senhor, e que copioso manancial de elogios não brotaria de uma caridade cristã, de uma liberalidade nobre e benéfica! Não há coisa mais grande, nenhuma outra dá maior superioridade sobre o resto dos demais homens que aliviar os que padecem, que tirar da miséria os infelizes.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem

> unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. [19] Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. [20] Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. [21] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. [22] Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. [23] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: [14] Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. [15] E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. [16] O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. [17] Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. [18] Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. [19] E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Dos meios que temos para salvar-nos

Primeiro ponto

Considera que um dos mais cruéis, dos mais desesperados tormentos dos condenados é a viva e eterna memória, é a representação clara e circunstanciada dos meios fáceis e seguros que tiveram para salvar-se. Pude ser santo; Deus o queria; mas a mim não me deu vontade de sê-lo. Compreende bem toda a força desta reflexão; mas considera também todo o fel de sua amargura.

Não há uma só criatura que, olhada em si mesma, não nos apresente, não nos sirva de meio para conhecer a Deus e para amá-lo; se alguma nos serve de estorvo, é precisamente porque nós abusamos dela. Os bens e males desta vida, até os mesmos trabalhos de que se vale Deus para

castigar nossas culpas, tudo pode servir para nossa salvação.

As riquezas são como a moeda com que se compra o céu por meio de esmolas; a pobreza é carta de recomendação para salvar-nos. As honras e a prosperidade podem oferecer grandes ocasiões para fazer grandes sacrifícios; as desgraças e as adversidades abrem o caminho real para a glória. Se a saúde é dom de Deus, não o é menos a enfermidade; padecer muito por Deus ainda é de maior mérito que fazer muito por ele. Enfim, o engenho é um talento, a simplicidade é uma virtude: Deus tem gosto especial em comunicar-se às almas simples e singelas. Em uma palavra, pode-se dizer que não há coisa que não se possa olhar como talentos. Até de nossas mesmas faltas, uma vez cometidas, pode-se e deve-se tirar muito proveito. Não há maior inimigo de nossa salvação que o demônio; e com tudo isso seus mesmos artifícios, suas mesmas tentações podem conduzir para consegui-la. Que abundância de meios, que multidão de santas indústrias! Todas as coisas, diz o Apóstolo, cooperam ao maior bem dos que amam a Deus.

É mister necessariamente a graça para salvar-nos; sem ela seriam inúteis nossos maiores esforços. Mas, se nós podemos faltar à graça, também estamos seguros de que a graça não nos pode faltar a nós. Nem um só condenado há que não o tenha sido por sua culpa, que não se tenha condenado porque não quis aproveitar-se dos meios que teve para salvar-se. Que dor, que desesperação!

Somos fracos, é verdade, os perigos são frequentes, as tentações violentas; mas para isso encontramos uma força, uma virtude singular nos sacramentos; neles se nos aplicam os méritos de nosso Senhor Jesus Cristo; neles, digamo-lo assim, se nos tem preparado um banho de seu preciosíssimo sangue, no qual acha a alma uma virtude geral para todas as suas necessidades; eles são medicina universal de todo gênero de dolências e manancial inesgotável de graças. Sejais eternamente bendito, glorificado e louvado, amável Salvador meu, por haver-me proporcionado tantos e tão poderosos meios para salvar-me. Mas que dor é a minha por havê-los malogrado até aqui! Não permitais que este conhecimento e esta mesma confissão me sirvam de novo motivo de arrependimento.

Segundo ponto

Considera que além dos meios comuns a todos os cristãos, cada qual encontra em seu próprio estado e em sua mesma condição meios particulares para ser santo. Dispôs de tal maneira todas as coisas a divina Providência e tem arrumadas todas as condições com tal economia que todos são caminhos direitos para chegar com segurança a nosso último fim.

Não há que invejar nem o retiro dos uns nem a tranquilidade dos outros: cada um de nós dentro de seu próprio estado pode colher os mesmos frutos ou ao menos outros equivalentes e tão bons. Não sejamos servos inúteis nem obreiros ociosos. Poucas terras haverá que não possam render cento por um, poucos talentos que não possam duplicar-se e multiplicar-se, se se sabe empregá-los e manejá-los bem.

Não há estado, não há condição no mundo, não há idade na vida que não tenha tido grandes santos; e estes santos de nossa mesma idade e de nosso mesmo estado não foram buscar outros

meios para sê-lo que aqueles que nos oferece a nós nosso estado e nossa idade. E ainda nós temos mais meios que eles; porque por fim logramos o dos bons exemplos que eles mesmos nos deixaram. Será possível, Deus meu, que todas as coisas me preguem e me facilitem minha salvação e que ao mesmo tempo todas elas me repreendam minha irresolução e até minha insensibilidade! Pois quê, divino Salvador meu, só eu hei de desprezar minha salvação, só eu hei de não querê-la e hei de pôr os maiores obstáculos para consegui-la! Aproveitei-me muito até agora dos meios que tive para ser santo? Que é o que tenho feito para sê-lo? Que é o que tenho deixado de fazer para não sê-lo?

Meu Deus, quem poderá sofrer estes remorsos à hora da morte e mais ao considerar o que fizeram para ser santos tantos homens ilustres e eminentes!

Com que fervor trabalhou em sua própria perfeição um São Patrício e com que zelo se dedicou à salvação dos outros! Que vida mais laboriosa, mais penitente, mais santa! Que confusão para muitos são estes grandes exemplos!

Quão pouco me aproveitei eu, doce Jesus meu, dos meios que tive para ser santo e quão mal correspondi a vossas graças! Cada dia estou admirando o que fizeram os santos para sê-lo; e com tudo isso não acabo de aproveitar-me de seus exemplos. Continuai-me, Senhor, o socorro de vossa graça, e desde este mesmo ponto vou pôr fim a minhas ingratidões.

Jaculatórias

> *Vivet anima mea, et laudabit te, et judicia tua adjuvabunt me.* Sl 118.

Já não viverei, Senhor, senão para empregar-me em vossos louvores; porque acho minha força e meu socorro em tudo o que tendes feito por mim.

> *Prope es tu, Domine; et omnes viæ tuæ veritas.* Sl 118.

Sempre estais perto de mim, ó Senhor; e todos os estados da vida podem ser caminhos seguros que me conduzam a vós.

Propósitos

1. Todos os estados são outros tantos caminhos diferentes que, segundo a ordem da divina Providência, nos guiam a nosso último fim. É tentação imaginar que se viveria melhor em outro

estado que no que cada um professa. Pernicioso erro ocupar o pensamento no que se faria em outra profissão e não pensar em cumprir com as obrigações daquela em que se está! Poucos artifícios há que saiam melhor ao inimigo de nossa salvação que o desta enganosa inquietação. Por ora só te quer Deus no estado de vida em que te achas; de modo que só hás de pensar em desempenhar bem suas obrigações. Despreza como ilusão perniciosíssima todas essas inconstâncias do coração e do ânimo que consomem inutilmente a alma com vãos arrependimentos e com frívolos desejos, uma vez que já abraçaste um estado. Aplica-te unicamente a dar o devido cumprimento a suas obrigações, examinando hoje em particular quais são estas e quais são também aquelas em que tu te descuidas mais. Aproveitas-te bem de todos os meios que tens em teu estado para santificar-te? Não há estado sem cruz, como não há rosa sem espinhos. Os gostos de uma fortuna risonha e florescente e as amarguras de uma família pobre e angustiada, os embaraços de um emprego de muito ruído e tumulto e os cuidados domésticos de uma casa particular, as alegrias e os prantos desta vida, tudo pode conduzir igualmente para nossa salvação; examina como usaste até aqui de tudo isto.

2. É devoção utilíssima a de rezar todas as manhãs alguma oração particular, pedindo a Deus graças para cumprir com as obrigações do estado de cada um; e é admirável para este efeito a oração seguinte, que dizia Santo Tomás:

> *Concede mihi, misericors Deus, quæ tibi placita sunt ardenter concupiscere, prudenter investigare, veraciter agnoscere, perfecte adimplere, ad laudem et gloriam nominis tui. Ordina statum meum, et quod a me requiris ut faciam, tribue ut sciam, et da exequi sicut oportet, et expedit animæ meæ. Da mihi, Domine Deus meus, inter prospera et adversa non deficere, ut in illis non deprimar; de nullo gaudeam vel doleam, nisi quod ducat ad te vel abducat a te. Nulli placere appetam, vel displicere timeam, nisi tibi. Vilescant mihi, Domine, omnia transitoria; et chara mihi sint omnia tua propter te, et tu, Deus, præter omnia. Tædeat me gaudii quod est sine te, nec aliquid cupiam quod est extra te. Largire tandem mihi, Domine Deus meus, ita tuis beneficiis uti in via, per gratiam; ut tandem tuis gaudiis in patria perfruar per gloriam. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

«Ó Deus, cheio de misericórdia, dai-me graça para que examine diligentemente, conheça verdadeiramente, deseje ardentemente e cumpra perfeitamente tudo o que a vós vos agrada, e que tudo seja para maior honra e glória vossa. Dispõe todas as coisas no estado em que me pusestes e dai-me a conhecer aquilo que quereis que eu faça, ajudando-me a cumpri-lo como convém para o maior bem de minha alma. Concedei-me, Deus e Senhor meu, que nem as prosperidades me envaideçam, nem as adversidades me acovardem, e que nem umas nem outras me atropelem, não me alegrando senão do que me aproxima de vós, não me entristecendo senão do que de vós me aparta. Não permitais que aspire a comprazer nem que tema desagradar senão a vós só. Sejam desprezíveis para mim todas as coisas caducas, e somente ame o que vem de vós, por vosso amor, e a vós sobre todas as coisas. Cause-me tédio toda alegria que seja sem vós, e fora de vós nada apeteça. Finalmente, Deus e Senhor meu, concedei-me que de tal maneira me

aproveite nesta vida de vossos benefícios, por vossa graça, que mereça gozar na pátria celestial as delícias da glória. Por nosso Senhor Jesus Cristo...»

[^1]: Bolandistas, 17 de março, p. 589 (o OCR traz “(4) Boll. 17. Mart, p. 589”).

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:06 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:06 by Admin